3
Entre leituras e sentidos

A pergunta sobre quais enquadramentos teórico-metodológicos poderiam ser dados ao ensino do design no Amazonas, visando a compreensão do conceito de identidade cultural, constitui-se na questão central deste estudo. Para responder a esta questão, percebi a necessidade de considerar, tanto os discursos de ordem teórico-conceitual como a interrogação sobre como os docentes que atuam em cursos de design no Amazonas, compreendem o conceito de identidade cultural. Para tanto, optei por uma abordagem qualitativa, uma vez que nesta modalidade de pesquisa, a inquirição, a interpretação e as possibilidades de novas leituras apresentam-se como princípios fundamentais, tanto para aclarar a compreensão sobre o objeto de estudo, como para trazer à luz novas oportunidades para a elucidação do problema.

Assim e considerando o contexto maior da investigação, o objetivo deste capítulo é informar os procedimentos metodológicos que foram sendo construídos durante a realização da pesquisa, a partir da caracterização do problema e sua ressonância com um estudo de cunho qualitativo. Visa ainda apresentar as etapas desenvolvidas, bem como os procedimentos e técnicas utilizados no levantamento dos dados, tanto no que diz respeito ao *corpus teórico* como no que se refere à empiria, culminando como as estratégias utilizadas durante a organização, análise e interpretação dos dados.

Este capítulo está dividido em dois grandes blocos. No primeiro, apresento as razões que nortearam a opção por uma abordagem de viés qualitativo, destacando a postura do pesquisador e a interpretação. O segundo bloco, desdobra-se em três seções, sendo que na primeira, abordo os procedimentos que nortearam a pesquisa bibliográfica; na segunda, o leitor encontrará um relato sobre a experiência de trabalho com a técnica de grupo focal e os resultados obtidos com a aplicação deste instrumento. No terceira e último bloco, denominada de leitura dos dados, encontram-se os princípios e procedimentos que nortearam a etapa de interpretação dos dados empíricos.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912508/CA

3.1 Por uma abordagem qualitativa

Nesta seção justifico os motivos que levaram à escolha da abordagem qualitativa e, em seguida, considero dois aspectos da pesquisa qualitativa que, de certa forma, nortearam esta investigação, a saber: a posição do pesquisador e a interpretação. Pesquisar é municiar-se de lentes para ler o real e toda leitura proporciona formas singulares de compreensão e interpretação. Sendo assim, ler é sempre um desafio, pois as formas de leitura existem numa quantidade exponencialmente maior que os textos disponíveis, uma vez que, cada texto, sejam ideias, comportamentos, experiências, discursos, silêncios, opiniões, críticas, imagens, sons etc, requisita uma lente, uma forma, um contexto, um conjunto de leitores, redundando numa multiplicidade de sentidos. Assim, a escolha das ferramentas de leitura precisa permitir certa flexibilidade para que as singularidades inerentes ao texto mostrem-se ao leitor e para que o leitor de igual forma, interfira no texto. Para tanto, faz-se necessário preparar o leitor para ser sensível à dinâmica do texto, ao seu contexto e especificidades.

Foi considerando este cenário que optei pela abordagem qualitativa no âmbito desta investigação. Pois, numa ação de pesquisa, na qual o objetivo é melhor compreender o comportamento, a experiência, os significados atribuídos, bem como descrever em que consistem estes mesmos significados, nada é trivial[1], tudo tem potencial para indicar pistas, visando a compreensão do objeto de estudo e conduzir à elucidação dos problemas.

Um dos pressupostos da pesquisa de cunho qualitativo é a inquirição[2], momento em que as descrições dos fenômenos estão impregnadas de significados outorgados pelo ambiente. Nesta perspectiva, a interpretação dos resultados surge como a totalidade de uma especulação que tem como base a percepção de um texto num determinado contexto. Além disso, e no afã de fazer emergir novas interpretações da realidade, tende-se a um questionamento da racionalidade tecnoinstrumental[3], face à multiplicidade de situações de pesquisa que requerem abordagens de investigação cada vez mais específicas e adaptáveis às circunstâncias em que ocorrem as práticas sociais.

---

[1] Bogdan & Biclen, 1994
[2] Triviños, 1992
[3] Chizzotti, 2003 p. 231

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912508/CA

A necessidade de olhar as especificidades das práticas sociais faz da abordagem qualitativa um procedimento necessário, uma vez que há possibilidade de acesso "a experiências e interações"[4] em seu contexto natural, com destaque para a forma como as pessoas interagem com o mundo onde, a interação redunda na construção do mundo para o sujeito. Tal construção tem ressonância no caráter fenomenológico que Chizzotti[5] identifica nesta modalidade de pesquisa. Trata-se de uma preocupação com o fenômeno, tal como ele se mostra aos sentidos do pesquisador, procurando, através de uma atitude sensível, ultrapassar as aparências para alcançar a essência.

Ao optar por esta abordagem, observo, no doimínio desta pesquisa, a presença de uma série de interconexões, representadas por textos de diferentes estruturas, que apontam para os significados/sentidos, os quais só vieram à tona por conta de uma abordagem qualitativa de leitura dos dados. Este cenário organiza-se, objetivando a elucidação da questão proposta como problema. Trata-se de uma discussão que, calcada no campo da cultura e utilizando-se do referencial teórico específico, ligado à questão da emancipação, prevê o contato direto com os informantes, com vistas à compreensão dos conceitos atribuídos à categoria central desta pesquisa, a saber, a identidade cultural.

3.1.1 O pesquisador

Na introdução deste documento tive a oportunidade de esboçar alguns aspectos que sustentam o paradigma da racionalidade moderna. Aqui, vale ressaltar, juntamente com Chizzotti[6], que a pesquisa qualitativa requisita uma outra postura do pesquisador, pois questiona a sua autoridade no trato com o objeto de estudo. Desta forma, ao invés de uma relação de domínio, de poder e de autoridade é recomendável que o pesquisador assuma uma relação de parceria e, por conseguinte, de maior sensibilidade para com o objeto, o que a meu ver possibilita uma compreensão alargada da realidade pesquisada, em contraposição ao rigor e objetividade que ainda presidem o imaginário do pesquisador e dos paradigmas de racionalidade que este imprime à investigação.

[4] Flick, 2009a. p. 13
[5] Chizzotti, 2000
[6] Chizzotti, 2003

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912508/CA

Para Chizzotti, o paradigma da "transcrição objetiva da realidade" é posto em questão, pois, na pesquisa qualitativa, cabe ao pesquisador reconhecer que a observação está circundada por uma teoria e o texto é fruto, tanto de um posicionamento político como do compromisso e envolvimento do sujeito com o meio. Este cenário, por sua vez, impõe limites àquilo que se entende por objetividade. Neste sentido, e para dar conta destas questões, estive a todo momento procurando desenvolver um olhar crítico e ao mesmo tempo sensível sobre os questionamentos e pressupostos, tanto aqueles que me conduziram à pesquisa, como outros que foram se descortinando à medida que manuseava o referencial teórico e os dados empíricos obtidos através da realização dos grupos focais.

Corroborando com esta reflexão, deparei-me com Denzin e Lincoln[7] que, ao tratar das imagens e posturas que um pesquisador qualitativo pode assumir, utiliza o termo *bricoleur* definido como "um indivíduo que confecciona colchas". O conceito de *bricoleur* tal como usado pelas autoras, tem sua origem no pensamento de Lévi-Strauss[8]. Para ele o *bricoleur* se constitui num individuo que, estando apto a desempenhar um grande número de tarefas diferentes, tem como instrumental para o seu trabalho, a incerteza.

Trata-se de uma concepção metodológica cuja técnica é adaptada às circunstâncias, definida por um modo de pensar a relação do pesquisador diante do objeto pesquisado. Ao contrário de uma perspectiva determinística no trato com o fazer científico, o pesquisador *bricouler* trabalha com o conjunto daquilo que dispõe e da forma como o objeto vai se descortinando aos sentidos. Assim, o emprego de "quaisquer estratégias, métodos e materiais empíricos que estejam ao seu alcance"[9], apresentam-se como recursos disponíveis e possíveis na condução da investigação, que mais se assemelha a um processo constante de recorte e colagens, nem sempre uniformes e nem sempre regulares. A existencia de sobras, opções, escolhas, rascunhos, dúvidas, crenças e descrenças que, em sua totalidade sempre incompleta, vão moldando o caminho à medida que ocorre o caminhar.

[7] Denzin e Lincoln, 2006 p.17-18
[8] Lévi-Strauss, 1970
[9] Lévi-Strauss, 1970 p. 18

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912508/CA

Ainda nesta perspectiva e apropriando-se do conceito de Levi Straus, Denzin e Lincoln[10], elaboram categorias/tipo de pesquisador. Dentre os tipos de *bricoleurs* apresentados pelas autoras, destaco o *bricoleur* interpretativo e o *bricoleur* político. O primeiro, munido de um conjunto de representações variáveis, fornecidas pelos fenômenos pesquisados, transforma-as, como dizem as autoras, "(...) numa colcha, um texto de *performance*, uma sequência de representações que ligam as partes ao todo"[11]. No *bricoleur* político, o pesquisador vê a ciência enquanto envolta em relações de poder, na qual todas as descobertas possuem ou tem implicações políticas podendo assumir intencionalmente esta postura, ou mesmo sem saber que desempenha tal função, como foi o meu caso. O *bricoleur* político "busca uma ciência social cívica baseada em uma política da esperança"[12]. Foi assim que, enquanto pesquisador, passei a entender a impossibilidade de assumir uma única postura ou concepção investigativa, o que me levou a questionar, durante todo o percurso, a origem, a posição e local de procedência de determinados posicionamentos e, claro, das relações de poder subjacentes.

A metáfora do pesquisador *bricoleur*, enquanto aquele que reúne diversos elementos - no caso específico desta pesquisa: teorias e discursos, com vistas a criar situações dialogais entre eles, representam uma ação necessária pois, é realizando costuras quando necessário, ou mesmo recortando aspectos dos textos para entendê-los com mais profundidade, para depois reintegrá-los ao todo que, como pesquisador qualitativo *bricoleur*, pude perceber as oportunidades e contradições, bem como encontrar as pistas que permitiram pensar os problemas da investigação e de certa forma, posicionar-me diante deles.

3.1.2 A interpretação

Ao tratar da postura do pesquisador como *bricoleur*, toquei em algumas questões que dizem respeito à interpretação no campo da pesquisa qualitativa. Tanto Chizzotti[13] como Denzin e Lincoln[14] concordam que a interpretação é um

[10] Denzin e Lincoln, 2006
[11] Denzin e Lincoln, 2006 p. 20
[12] Lincoln, 1999 apud Denzin e Lincoln, 2006 p. 20
[13] Chizzotti, 2000, 2003

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912508/CA

dos marcos diferenciais desta modalidade de pesquisa. Denzin e Lincoln[15] argumentam que os paradigmas interpretativos envolvem o conjunto de crenças, sentimentos e compreensões do mundo; as autoras defendem ainda que "cada paradigma interpretativo exige esforços específicos do pesquisador, incluindo as questões que ele propõe e as interpretações que traz para elas".

Complementando esta ideia é possível perceber que as contradições dialéticas presentes na relação dinâmica entre sujeito e objeto, bem como a atividade criadora resultante desta interação, apresentaram-se como uma atitude necessária para a leitura do objeto de pesquisa tomando em consideração a sua complexidade. Ao considerar que "toda pesquisa é interpretativa"[16], as autoras reforçam a ideia de que a investigação é conduzida por crenças e sentimentos em relação ao homem, à realidade e a forma como o mundo é compreendido e percebido pelo pesquisador.

A meu ver esta etapa constituiu-se no momento mais difícil da investigação, pois na abordagem qualitativa, a interpretação não se apresenta aos olhos do pesquisador como um fato dado, como um conjunto de categorias pré-estabelecidas. A interpretação é fruto de todo um olhar, de toda uma experiência de vida que envolve tanto o conhecimento como o desconhecimento em relação ao objeto investigado. Sim, desconhecimento porque, por vezes e para permitir a atividade criadora, foi necessário reconhecer a ignorância, inquietar-me diante dela e a partir do interrogar e do inquirir, construir um saber e passar a conhecer. De igual forma, fez-se necessário rever determinados conhecimentos a fim de permitir novos enquadramentos e uma nova luz sobre a interpretação.

Claro que não se trata de transformar-se numa tabula rasa. A experiência de vida do pesquisador esteve presente todo o tempo, pois é impossível esquecer o que já se aprendeu. No entanto, o afastamento das crenças e das suposições com as quais iniciei o processo de investigação, forneceu o lastro necessário para a emergência de discursos e verdades, para além daqueles com os quais estava habituado e que pensava que poderiam compor os resultados da tese. Esta postura de colocar em suspensão as crenças e conceitos prévios oportunizou também, a emergência de novas definições e categorias inesperadas, conduzindo tanto às

[14] Denzin e Lincoln, 2006
[15] Denzin e Lincoln, 2006 p. 34
[16] Denzin e Lincoln, 2006 p. 36

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912508/CA

leituras e interpretações convencionais previsivas, da mesma forma que oportunizou a emergência de novas abordagens enriquecendo sobremaneira a investigação.

3.2 Etapas e fases da pesquisa

Após situar o leitor sobre os princípios norteadores da abordagem qualitativa, apresento os momentos da pesquisa que estão intimamente relacionados com os objetivos específicos: o *corpus* teórico, o levantamento e a leitura dos dados. O tratamento do *corpus* teórico envolveu uma pesquisa de cunho bibliográfico, compreendo três momentos: leitura exploratória, leitura analítica e leitura interpretativa dos textos.

No que diz respeito ao levantamento dos dados empíricos, realizei três seções de Grupo Focal com docentes que atuam em cursos de design no Amazonas. Estes grupos tiveram como principal objetivo, captar e aprender as conceituações sobre identidade cultural formuladas pelos docentes em design no Amazonas. Enquanto fruto da empiria, este procedimento gerou um quantitativo de informações produzidas pelos participantes e expressas por meio de: a) listas e categorização de palavras, b) um conjunto de imagens e c) os diálogos verbais gravados e transcritos para um suporte escrito. O material coletado passou por diferentes processos de leitura e análise, redundando nas principais categorias discursivas desenvolvidas na esfera deste trabalho e que tiveram como meta a elucidação do problema central da investigação.

3.2.1 Pesquisa bibliográfica

A pesquisa bibliográfica foi desenvolvida, tendo como principal finalidade, iluminar a questão central na obtenção de respostas por meio do referencial teórico específico. A investigação bibliográfica levou-me a perceber a provisoriedade de qualquer postualdo ou pressuposto teórico, sua circunstancialidade e a necessidade de um constante retorno às bases da investigação e aos objetivos norteadores, quer para reorientá-los, quer para confirmar o percurso. O referencial teórico evidenciou ainda a exigência de ter em

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912508/CA

conta as sombras e os silêncios que envolvem as tentativas de elucidação conceitual. Na verdade, o desejo de desvelar e de trazar à luz, tanto é resultado do desconhecimento sobre algo, como é fruto da consciência sobre a provisoriedade e parcialidade sobre aquilo que se sabe, o que acaba por mover e impulsionar a vontade de descobrir, de conhecer e de saber mais.

A pesquisa bibliográfica foi realizada através de três procedimentos: leitura exploratória, leitura analítica e leitura interpretativa.

3.2.1.1 Leitura exploratória

Ao referir-me à leitura exploratória, como etapa da pesquisa bibliográfica, estou utilizando o conceito de Gil[17], para quem este procedimento de leitura tem a finalidade de proporcionar uma visão geral e aproximativa acerca de determinado fato, oportunizando uma compreensão mais clara sobre o problema a ser pesquisado.

Ainda no tocante a esta etapa da pesquisa bibliográfica, recorro ao que Lakatos e Marconi[18] ancoradas em Salvador[19], denominam de leitura informativa seletiva. Para esses autores, após a localização das informações de interesse, efetua-se a seleção das mesmas, tomando como base as proposições da pesquisa. Salvador faz referência ainda a uma etapa intermediária entre a leitura exploratória e a leitura reflexiva qual seja, a leitura seletiva. A esta fase de aproximação com os autores, Galliano[20] denomina de análise textual, procedimento que visa a obtenção de um conhecimento prévio acerca das concepções teóricas, passíveis de ser consideradas no âmbito da pesquisa. Para dar conta da leitura exploratória, utilizei os seguintes procedimentos, tomando como referência as indicações de Galliano[21]:

A) Conhecer o conteúdo e a abordagem dos autores através de uma leitura inicial e exploratória;

[17] Gil, 1999
[18] Lakatos e Marconi, 1991
[19] Salvador. 1986
[20] Galliano, 1986 p. 91
[21] Galliano, 1986

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912508/CA

B) Levantar informações a respeito do autor: dados biográficos, conjunto de publicações, obras representativas, bem como a escola de pensamento a qual o autor está vinculado;

C) Realizar um enquadramento provisório do autor em um dos eixos temáticos da pesquisa.

3.2.1.2 Leitura analítica

Esta etapa da pesquisa bibliográfica teve como objetivo apreender, através da interrogação sobre as questões propostas no texto, aquilo que ele tem a dizer, conforme declara Galliano[22]. Ao envolver descoberta e reflexão, o propósito de uma leitura analítica é apreender o conteúdo, através de uma escuta sensível por parte do leitor. Salvador[23] e Lakatos e Marconi[24], referindo-se aos procedimentos de leitura reflexiva e de leitura crítica, realçam a importância das etapas de análise e julgamento das informações contidas nos textos. Lakatos e Marconi[25] entendem que nesta etapa se dá o "entendimento dos significados", tarefa que, segundo as autoras, exige um esforço analítico que é levado a termo através das operações de comparação, diferenciação, síntese e julgamento. Tomando ainda como referência as ideias de Galliano[26], no tocante à leitura analítica, foram observadas as seguintes etapas e/ou procedimentos no trato com as referências bibliográficas previamente selecionadas na etapa de leitura exploratória.

A) Identificação do problema de que trata o autor;

B) Identificação das ideias principais, secundárias e acessórias;

C) Inquirição sobre como o autor fundamenta a argumentação (como aborda o tema e apresenta/expõe a problemática), quais os métodos, técnicas e recursos que utiliza;

D) Identificação dos principais resultados e conclusões obtidos a partir da análise.

[22] Galliano, 1986 p.92
[23] Salvador, 1986
[24] Lakatos e Marconi, 1991
[25] Lakatos e Marconi, 1991 p.21
[26] Galliano, 1986

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912508/CA

3.2.1.3 Leitura interpretativa

Se na leitura analítica a intenção é entender o que o autor tem a dizer, na leitura interpretativa os critérios a serem observados são as relações entre as ideias dos autores e os problemas da investigação. Esta etapa requereu uma percepção clara da relação entre as questões propostas pelos autores, os problemas que foram sendo identificados por mim enquanto pesquisador, bem como as margens e proximidades entre as soluções que o autor apresenta e as respostas que o pesquisador procura. O procedimento de leitura interpretativa, levado a termo nesta investigação, constituiu-se num exercício criativo de associação de ideias, uma vez que a articulação entre os conceitos oriundos do material pesquisado e os problemas que foram se delineando no decorrer da investigação, fizeram emergir um conjunto de soluções interpretativas utilizadas como embasamento para a elaboração do relato de pesquisa.

Para Galliano[27], nesta etapa da investigação, ocorrem as inferências e interpretações sobre aquilo que foi lido. Lakatos e Marconi[28] compreendem a interpretação como o momento em que é possível "entender a intenção do autor", o que envolve correlacionar as afirmações e ideias encontradas na fase de leitura analítica com a problemática em questão, criando oportunidades para o julgamento do material analisado.

Sobre a leitura interpretativa, Salvador[29], juntamente com Lakatos e Marconi[30], concordam que, nesta etapa, o pesquisador procura confrontar e relacionar as afirmações dos autores com os problemas para os quais está procurando solução. Esta busca se dá através do cruzamento sobre a pertinência ou não das afirmações como possibilidade de solução, tanto para os problemas enunciados pelo pesquisador como para aqueles discutidos pelos autores. Corroborando com estas premissas, Severino[31] destaca que a interpretação equivale a uma tomada de posição a respeito das ideias enunciadas, explorando-as

[27] Galliano, 1986
[28] Lakatos e Marconi, 1991 p.21
[29] Salvador, 1986
[30] Lakatos e Marconi, 1991
[31] Severino, 2002

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912508/CA

e fazendo com que elas dialoguem entre si. Para tanto, e a partir de Galliano[32], foram observadas as seguintes etapas, para consecução da leitura interpretativa:

A) Relacionar as ideias expostas pelo autor com o contexto, objetivos e problemas da pesquisa, a partir de elementos que contribuam para elucidar/situar/posicionar o autor e as ideias;

B) Julgar/Avaliar se o conteúdo da obra/autor contribui para "provar, retificar ou negar"[33] as proposições da pesquisa ou se tais conteúdos geram novos pressupostos;

C) Proporcionar uma tomada de posição a partir do problema de estudo e das categorias discursivas que compõem o problema investigado.

Quero ressaltar ainda que esta etapa apresentou-se com um maior grau de dificuldade em sua execução, pois, a despeito das orientações e ideias contidas nos manuais de metodologia, fez-se necessário, tanto um nível de aprofundamento como uma dose de criatividade no que concerne à interpretação do material encontrado. A necessidade de fidelidade às ideias e ao contexto do autor bem como a sensibilidade para captar as impressões, fazer inferências, analisar criticamente e acima de tudo favorecer, no momento da interpretação, possibilitou o desenvolvimento de um percurso em direção à novas formulações conceituais.

3.2.2 Grupo Focal

Outro instrumento de levantamento de dados utilizado nesta pesquisa foi o Grupo Focal. Esta técnica foi responsável por colocar-me em contato com os dados empíricos, como parte essencial do processo de interrogação sobre os conceitos de identidade cultural que perpassam o discurso dos docentes em design no Amazonas. O Grupo Focal foi utilizado aqui sob a ótica de uma pesquisa de campo e, sendo assim, tratou-se de um caminho que permitiu a observação direta e a coleta de dados *in loco.* O campo é sempre um desafio ao pesquisador qualitativo e não é à toa que, para Gil[34], a pesquisa de campo caracteriza-se pela aproximação e aprofundamento sobre determinado grupo pesquisado, procurando entender sua constituição e funcionamento.

[32] Galliano, 1986
[33] Salvador, 1986 p. 106
[34] Gil, 2002

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912508/CA

Neste sentido e embasado nos princípios da pesquisa qualitativa, tomei como objetivo ultrapassar a simples compreensão sobre a constituição e funcionamento do fenômeno a ser pesquisado, para adentrar no campo das conceituações que os sujeitos participantes das seções de Grupo Focal evocam quando discutem o tema da identidade cultural. Assim, na busca por referências e orientações para aplicação do Grupo Focal, tomei como ponto de partida a pesquisa empreendida por Ribeiro[35]que, em sua tese de doutorado, utilizou a técnica em questão. Os contatos com a pesquisadora, bem como o encorajamento para a participação em uma seção de Grupo Focal, possibilitaram a compreensão de que este procedimento poderia redundar numa importante fonte de coleta de dados e informações, tendo em vista a natureza do problema a que me propus investigar.

Ribeiro[36] define o Grupo Focal como uma técnica de coleta de dados por meio de um tópico proposto pelo pesquisador e sob o qual os participantes são convidados a refletir, discutir e externar suas opiniões. Nesta mesma direção, Flick[37] ressalta que a ênfase na utilização do Grupo Focal reside na interação que a técnica oportuniza entre os participantes da pesquisa. O autor lembra que "a marca que define os grupos focais é o uso explícito da interação do grupo para a produção de dados e *insights* que seriam menos acessíveis sem a interação". Além das possibilidades de externalização de opiniões e da interação, por parte dos participantes, outro aspecto assinalado por Fern[38] é a abertura para comparar os resultados obtidos com o plano teórico sob o qual se está trabalhando. Esses resultados podem, ainda, ser confrontados com as crenças e percepções/predições do pesquisador, através de um processo de triangulação de dados e informações.

Assim, tomando estes pressupostos como norteadores, pouco a pouco, fui me familiarizando com a técnica do grupo focal. O acesso ao material teórico disponível sobre o tema, as conversas com Rita Couto, Flavia Nízia e Antonio Medina[39], bem como as teses de doutorado dos dois últimos constituíram-se importantes fontes para que eu pudesse me aventurar no desenvolvimento e experimentação da técnica do grupo focal e acredito que obtive resultados muito

[35] Ribeiro, 2008
[36] Ribeiro, 2008, apud Morgan, 1997 e Veiga e Gondim, 2001
[37] Flick, 2009b p. 188
[38] Fern, 2001
[39] Medina Filho, 2010

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912508/CA

satisfatórios e além do esperado. Por conseguinte pretendo, nos próximos tópicos, apresentar os direcionamentos que levei em consideração na elaboração e execução dos grupos focais. Em primeiro lugar, tecerei considerações sobre a postura e posicionamento do pesquisador num grupo focal, para em seguida caracterizar os participantes através dos dados colhidos durante a realização das seções e, em seguida, tecerei considerações sobre como ocorreu o encontro com os docentes durante a realização dos grupos focais.

3.2.2.1 A condução de grupo focais

Além das nuances que permeiam a técnica em si, um dos aspectos que me chamaram a atenção, no âmbito das considerações sobre o Grupo Focal, foi a preocupação com a figura do pesquisador. Esta preocupação pode ser observada tanto em Barbour[40], que ressalta a necessidade de desenvolver a capacidade de atenção diante das interações oportunizadas pelo grupo, com em Gatti[41], que ressalta no pesquisador a capacidade para captar sentimentos, atitudes, crenças, experiências e reações dos participantes. Barbour[42] reconhece também que o pesquisador, além de ter capacidade para conduzir satisfatoriamente as discussões, deve possuir habilidade para organizar toda a execução do Grupo Focal, desde a escolha de materiais de estímulo, até a seleção dos participantes e composição do grupo, de forma a garantir a fluência da discussão.

Tanto Barbour[43] como Gatti[44], Fern[45] e Silverman[46], destacam o papel a ser desempenhado pelo pesquisador, quando este opta por assumir também o papel de condutor das seções de Grupo Focal. A esta função, que pode ser assumida ou não pelo pesquisador, os autores denominam de “moderador”. Na perspectiva de Fern[47], o moderador do Grupo Focal é um facilitador da discussão que deve possuir características tais como: conhecimento do tema que será discutido, capacidade de análise e síntese, além de liderança. Segundo o autor, as

[40] Barbour, 2009
[41] Gatti, 2005 p. 9 *apud* Morgan e Krueger, 1993
[42] Barbour, 2009
[43] Barbour, 2009
[44] Gatti, 2005
[45] Fern, 2001
[46] Silverman, 2009 p. 108
[47] Fern, 2001 p. 73

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912508/CA

características do moderador também estão relacionadas com o tipo de grupo. Fern ressalta ainda que a conjugação desses fatores determina o sucesso na aplicação da técnica e na obtenção dos resultados, sendo o moderador uma das peças chave na execução do Grupo Focal.

Outro aspecto que merece destaque é a figura do moderador assistente que, segundo Barbour[48], pode ser utilizada para auxiliar o pesquisador no desenvolvimento do grupo, inclusive realizando anotações durante a seção e auxiliando na administração de imprevistos. O moderador assistente pode ainda contribuir com a transcrição das falas, favorecendo a emergência de complementaridades e de informações que escaparam à percepção do pesquisador.

A partir dessas indicações, fornecidas pela literatura, organizei um grupo focal em caráter experimental objetivando, tanto exercitar-me no processo de condução de grupo, como testar a pertinência da questão disparadora, verificando sua validade, além de identificar que outros elementos deveriam/poderiam ser agregados para que os resultados e as informações necessárias à elucidação da questão central da pesquisa pudessem vir à luz durante o processo de discussão. Toda esta fase de experimentação apresentou-se também como oportunidade para explorar e indicar os pontos de melhoria no tocante à minha capacidade de liderança e de motivação do grupo, uma vez que a criação de uma atmosfera tranquila e que favorecesse aos participantes um clima seguro e aberto à troca e ao diálogo, constituiram-se importantes habilidades para o êxito no desenvolvimento das seções.

No grupo focal, realizado em caráter experimental, procurei identificar as necessidades da pesquisa, verificar expectativas e interesses no tocante à questão central bem como a participação e a resposta dos participantes. A adequação da técnica às demandas da pesquisa representou o outro ponto que me levou à realização do grupo focal experimental. Esta ação objetivou ainda verificar a aplicabilidade do procedimento junto aos sujeitos participantes, bem como perceber-me no manejo do instrumento e dos procedimentos de execução, com vistas à sua adequação às demandas específicas da pesquisa.

Assim, os aprendizados obtidos com o grupo focal experimental permitiram uma série de aperfeiçoamentos, tais como: a necessidade de redirecionar e

[48] Barbour, 2009

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912508/CA

reorganizar a questão disparadora; a urgência em aperfeiçoar e diversificar os materiais de estímulo, objetivando dar mais fluência às discussões e aperfeiçoar os instrumentos de coleta/captação dos dados, tais como gravadores e filmadoras.

3.2.2.2 Perfil dos docentes

Preocupado com a opinião dos participantes nas seções de Grupo Focal, Guimarães[49], ao desenvolver uma pesquisa sobre o conhecimento acerca da identidade profissional de professores, utilizando o referido instrumento, destaca a importância de centrar o "foco" na coleta de dados, ressaltando que um Grupo Focal se caracteriza pela ênfase na coleta das opiniões dos indivíduos enquanto participantes de um grupo. Desta participação dos indivíduos em uma interação grupal, espera-se a emergência de consensos, opiniões comuns, concordâncias, bem como discordâncias, posições contrárias, dissensões que, no meu entendimento, constituem-se facetas de uma mesma realidade e que lançam luz sobre ela. Sobre esta questão Gatti[50], por sua vez, destacará as oportunidades existentes em não observar, apenas, o que os participantes pensam e expressam, mas também como e porque "pensam o que pensam".

No âmbito desta pesquisa, os docentes selecionados para participar dos grupos focais atuam em cursos de design na cidade de Manaus. Participaram das seções um total de 25 (vinte e cinco) docentes que foram realizadas em duas instituições de ensino superior. No tocante ao gênero, contei com a participação de 11 (onze) docentes do sexo masculino, perfazendo um total de 54%, e 14 (quatorze), do sexo feminino correspondendo a 56%. Quanto à idade dos participantes, o maior quantitativo de docentes encontra-se entre os 20 e 40 anos de idade. Destes, 36%, ou um total de nove, encontram-se na faixa etária entre 31 e 40 anos, seguidos por oito docentes, ou seja, um percentual de 32% com idade entre 20 e 30 anos. Na faixa entre os 41 e 50 anos encontram-se um total de cinco docentes, ou seja, um percentual de 20%. Dois docentes com idades entre 51 e 60 anos, perfazendo um percentual de 8% e um docente com idade entre 61 e 70 anos, o que equivale ao percentual de 4% do total dos docentes participantes do

[49] Guimarães, 2006 p. 157
[50] Gatti, 2005 p. 9

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912508/CA

Grupo Focal. O Gráfico 1, apresenta uma representação visual dos dados referentes à idade dos docentes.

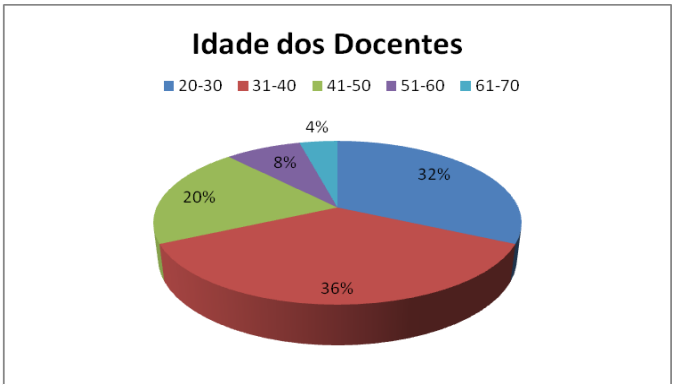

Gráfico 1 - Idade dos docentes
Fonte: Elaborado pelo autor

Quando perguntados sobre sua naturalidade, observei que 80% dos docentes nasceram na região Norte. Sendo que 18 (dezoito) deles nasceram no estado do Amazonas, e dois docentes, em Rondônia. As regiões Sudeste e Nordeste foram mencionadas como locais de nascimento dos docentes, com um percentual de 9%, ou seja, dois docentes nascidos no estado da Paraíba, na região Nordeste, e três docentes, ou seja, 12%, nascidos na região Sudeste do país, respectivamente nos estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, conforme pode ser visualizado no Gráfico 2.

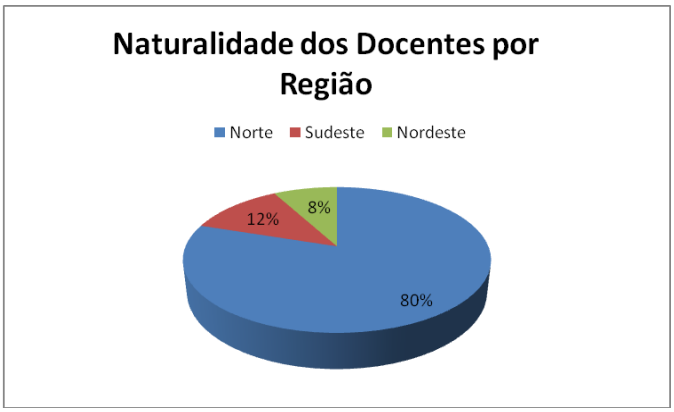

Gráfico 2 – Naturalidade dos docentes por região
Fonte: Elaborado pelo autor

No que concerne aos cursos de graduação, frequentados pelos docentes participantes dos grupos focais, o Gráfico 3 apresenta a prevalência de docentes

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912508/CA

graduados em design, perfazendo um total de 16 (dezesseis) docentes, ou seja um percentual de 64%, seguidos por 4% graduados na área de Educação Artística, ou seja quatro docentes. As demais áreas mencionadas foram Engenharia Civil, Moda, Licenciatura em Matemática, Artes Plásticas e Música, cada uma delas com um docente, o que equivale a um percentual de 4%. O total de graduados nestas áreas, quando somados perfaz um total de cinco docentes ou 20% do total.

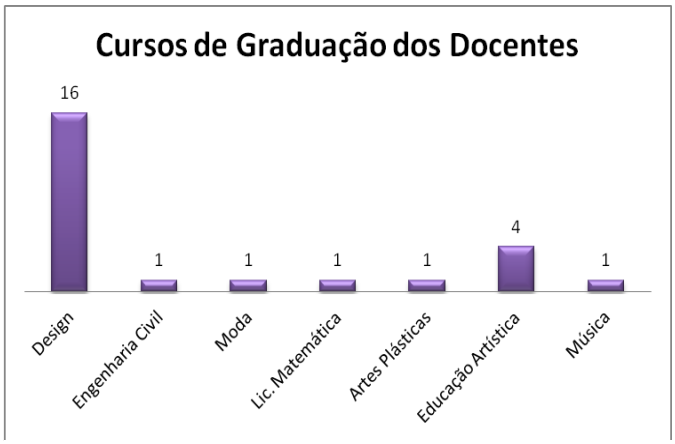

Gráfico 3 – Docentes – cursos de graduação
Fonte: Elaborado pelo autor

Quanto à formação em nível de pós-graduação, na época da realização dos grupos focais, encontrei um docente com título de doutor, equivalendo a 4% do total de docentes, 32%, ou um total de oito docentes possuíam título de mestre e 24%, ou um total de seis docentes, com título de especialista. Os demais docentes encontravam-se em processo de formação no que se refere à pós-graduação. Um total de três docentes, ou seja, 12%, frequentando cursos de especialização. Quatro docentes, ou seja, 16%, em cursos de mestrado e 12%, um total de três docentes, em cursos de doutorado, conforme representado no Gráfico 4.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912508/CA

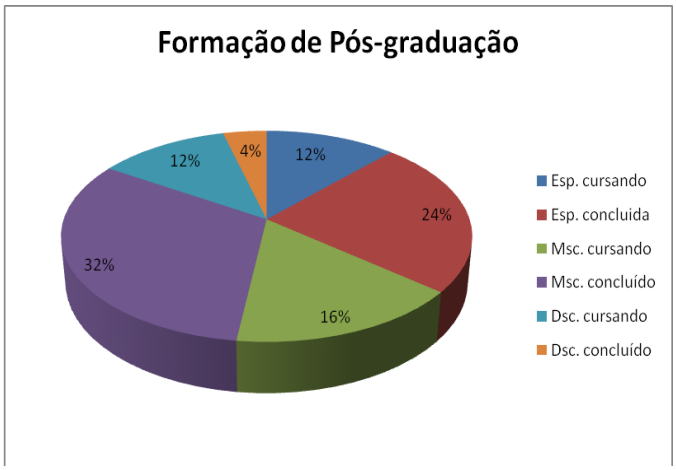

Gráfico 4 – Formação de pós-graduação
Fonte: Elaborado pelo autor

Quanto ao tempo de exercício do magistério, observei que um percentual de 5%, um quantitativo de dois docentes, possuía menos de um ano de experiência no exercício da função. Oito docentes, perfazendo o quantitativo de 32%, com experiência entre um a cinco anos; 20%, ou um total de cinco docentes, com experiência entre 6 e 10 anos; 9%, ou seja, dois docentes, com experiência entre 11 e 15 anos; 20%, um total de cinco docentes, com experiência entre 16 e 20 anos; 9%, ou seja, dois docentes, com experiência entre 21 e 25 anos e um docente com experiência entre 26 e 30 anos, o que equivale a um percentual de 5% do total de participantes, dados estes representados através do Gráfico 5.

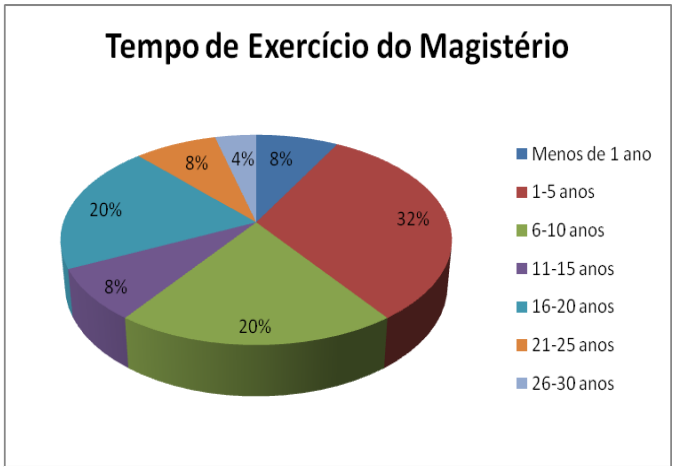

Gráfico 5 – Tempo de exercício do magistério
Fonte: Elaborado pelo autor

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912508/CA

Todavia, este conjunto de informações fornecidas pelo tempo de exercício da função docente foi utilizado como critério de recorte para a leitura dos dados. Esta ação foi necessária, pois deparei-me, no processo de organização dos dados, com uma massa de informações de uma extensão e complexidade tal que, requereu um critério de seleção que possibilitasse uma leitura possível dos dados e que não comprometesse a reciprocidade dos mesmos, quando comparados com a realidade da qual emergiram. Sendo assim, foram selecionados para esta etapa da pesquisa os docentes que possuíam experiência docente entre seis e 25 (vinte e cinco) anos, perfazendo um percentual de mais de 50% do total de participantes, ou seja, 14 docentes, tal como apresentados na Tabela 3.

GF1			
Participante	**Formação**	**Graduação**	**Docência (Tempo de exercício)**
Carlos	Mestrado em Engenharia	Design	12
Paloma	Mestrado em Design	Design	8
Vanessa	Mestrado em Engenharia	Design	9
Luíza	Mestrado em Engenharia	Design	15
Suely	Mestrado em Engenharia	Design	22
Yasmin	Mestrado em Engenharia	Design	4
GF2			
Participante	**Formação**	**Graduação**	**Docência (Tempo de exercício)**
Isabela	Especialização em Design e Marketing	Design	9
Karina	Mestrado em Design	Design	6
Samara	Especialização em Metodologia do Ensino Superior	Design	2
José	Especialização em Gestão de projetos	Design	5
Matheus	Especialização em Design, Comunicação e Multimídia	Design	1
GF3			
Participante	**Formação**	**Graduação**	**Docência (Tempo de exercício)**
Daniel	Doutorado em Educação	Lic. Matemática	20
Marcelo	Mestrado em Educação	Ed. Artística	20
Ângela	Mestrado em Comunicação e Linguagens	Ed. Artística	11
Lia	Especialização	Artes Plásticas	6
Arthur	Especialização em Meio Ambiente	Ed. Artística	17
Dilma	Doutorado em Educação	Ed. Artística	26
Ronaldo	Especialização em Artes	Artes e Música	16

Tabela 3 – Docentes selecionados para a pesquisa
Fonte: Elaborado pelo autor

Antes, quero dizer que considero qualquer critério de recorte uma ação excludente, por outro lado, tais parâmetros refletem a parcialidade do fazer acadêmico-científico e indicam os limites e incompletude de qualquer tentativa de generalização. Na realidade, a importância do recorte está na sua provisoriedade,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912508/CA

tendo em vista as brechas, os interstícios e as perguntas que ele evoca. Mais que reduzir ou limitar, o recorte desempenha uma função indicativa pois, ao tempo que denuncia, requisita olhar para as outras facetas do real que ele não consegue abarcar. Diante desta realidade, percebe-se a existencia de discursos que não foram contemplados, realidades e verdades que não foram absorvidas, o que faz desta interpretação uma dentre as tantas interpretações possíveis, no âmbito de um estudo que se propõe pensar o ensino do design e a identidade cultural no Amazonas.

3.2.2.3 O encontro com os docentes

Figura 5 – Docentes nas seções de grupo focal
Fonte: O autor

A realização do Grupo Focal com os docentes que atuam em cursos de design no Amazonas, teve como objetivo procurar respostas para a interrogação sobre os conceitos atribuídos por eles no tocante à identidade cultural. Refletindo sobre as oportunidades que a técnica do grupo focal poderia proporcionar para o alcance do objetivo de pesquisa, deparei-me com a ideia de observação de atitudes naturais (*natural attitudes*) discutidas por Fern[51]. Ao tratar dos objetivos que envolvem a aplicação da técnica do grupo focal, Fern considera que as atitudes naturais referem-se ao aprendizado dos comportamentos, experiências de vida, preferências e intenções dos participantes.

Nesta tentativa de apreensão, o pesquisador alerta para as oportunidades existentes em atribuir atenção aos comportamentos comuns que as pessoas manifestam em relação aos outros membros do grupo. Neste sentido, o grupo focal difere de uma entrevista, pois evoca a emergência das falas e ideias por meio da interação grupal. A pretensão é que, mesmo em condições induzidas, os

[51] Fern, 2001

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912508/CA

participantes sejam motivados a apresentar, por meio da conversação, desencadeada nas seções, suas percepções sobre determinado tema. Tomando em consideração o detalhamento e exposição de Fern, no tocante às características da técnica do Grupo Focal, fiquei interessado na possibilidade de que os participantes pudessem trazer para a discussão opiniões individuais, diferentes daquelas emitidas pela maioria do grupo. Vi neste caminho uma oportunidade para identificar, no processo de apreensão, tanto as diferenças como os consensos, enquanto um percurso rico em sentidos.

Para o desenvolvimento das seções de grupo focal, organizei um roteiro que poderá ser observado de forma detalhada no Apendice desta tese. Após breves palavras sobre os objetivos da seção e algumas orientações de cunho operacional, iniciava os trabalhos a partir dos materiais de estímulo. O primeiro deles consistia em solicitar aos participantes que elaborassem uma lista de palavras que na percepção de cada um, poderiam ser/estar associadas à ideia de identidade cultural.

Num segundo momento, entregava aos docentes folhas de papel em formato A4, contendo as palavras relacionadas com o tema identidade cultural. Essas palavras foram produzidas num Grupo Focal Exploratório e solicitei que, naquela lista (Ver Figura 5), indicassem, por ordem de prioridade, três palavras que considerassem mais representativas, quando pensavam no conceito de identidade cultural.

história	coletivo	rotina	música	vestuário
conhecimento	credo	vocabulário	padrões	costumes
religiosidade	povos	culinária	fala	sociedade
trajes	expressões	hábitos	transmissão	linguagem
patrimônio	indivíduo	arte	ritos	coletivo

Figura 5 – Lista de palavras
Fonte: Elaborado pelo autor

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912508/CA

Num terceiro momento e usando os recursos disponibilizados pelo pesquisador (tinta guache, papel e pincéis), os participantes foram convidados a produzir imagens que melhor representassem a ideia de identidade cultural. Algumas imagens produzidas pelos docentes podem ser observadas através da Figura 6, abaixo.

Figura 6 – Amostra de imagens produzidas pelos docentes
Fonte: Elaboradas pelos docentes

Concluída a etapa anterior, solicitava aos participantes que apresentassem ao grupo as imagens produzidas e justificassem oralmente a escolha das palavras, bem como a representação (por meio da imagem) do conceito de identidade cultural. Após a exposição individual, foi franqueada aos participantes a possibilidade de conversar sobre os elementos e ideias que surgiram após a exposição individual. Semelhanças, diferenças, percepções, interesses bem como outros conceitos e ideias que foram surgindo a partir da observação da produção dos outros participantes.

Uma vez que, de acordo com Fern (2001), o pesquisador não está interessado em generalizações, as contradições e as opiniões divergentes integram uma das principais contribuições que o Grupo Focal pode trazer para um processo de inquirição. No contexto dos grupos focais realizados com os docentes que atuam em cursos de design no Amazonas, posso afirmar que, num primeiro momento, prevaleceu certo consenso em torno das discussões. Por outro lado, os encontros de opiniões e, talvez, o ato de partilhar pontos de vista, criaram um clima de confiança que permitiu a emergência de opniões contrárias bem como leituras e posicionamentos diferentes diante de um mesmo tema.

Contudo, as opiniões divergentes só ocorreram à medida que o diálogo foi se aprofundando e, a partir deste momento, começaram a vir à tona as divergências, algumas delas acaloradas, fazendo com que alguns participantes aumentassem o volume da voz com o objetivo de se fazerem ouvir, ou ainda para reforçar e reafirmar os seus pontos de vista. No entanto, me chamou a atenção

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912508/CA

também, os momentos de “escuta sensível” em que todos os participantes silenciavam para ouvir o que estava sendo dito por um dos colegas. Normalmente essas falas foram seguidas de alguns segundos de silêncio total. Observei esses momentos como sendo ricos, por conduzirem à reflexão, à reelaboração de ideias para, em seguida, uma voz romper o vazio e fazer referência a uma lembrança, um fato, um personagem, um caso, uma música, um gesto, um elemento que estava presente na pintura ou na lista de palavras.

Nestes momentos de aparente vazio, precisei conter-me para não interferir num tempo de reflexão que só foi possível de ser observado de forma mais atenta mediante a gravação em vídeo. Em alguns momentos e mesmo durante as falas e debates, percebi que alguns olhares de interrogação eram dirigidos a mim como se requisitassem meu envolvimento na conversação, mas logo os colegas reconheciam o papel que estava desempenhando naquele momento e a pergunta era dirigida a um interlocutor que estivesse livre para reafirmar ou refutar o tema/ideia que estava em questão.

No momento da realização das seções de grupo focal, percebi que o interesse pelo tema ou o ponto alto das falas e produção de ideias, ocorreu após os vinte primeiros minutos de início das discussões. Com uma variação leve de um grupo para outro, as intervenções mais intensas ocorreram entre os 25 e 40 minutos após o início das falas, arrefecendo após este período. Em um único grupo precisei interromper os participantes e solicitar que efetuassem as considerações finais, uma vez que faltavam cinco minutos para finalizar o período de 90 (noventa minutos) previstos para a realização da seção. Nos demais, este processo de finalização ocorreu de forma gradual e obedecendo ao tempo e ritmo dos participantes.

Por meio de uma análise mais detida sobre a ocorrência de atitudes naturais, tal como proposto por Fern, posso dizer que, observados os devidos contextos e as características peculiares dos grupos de docentes que participaram das seções de grupo focal, as atitudes naturais ocorreram porque os participantes foram estimulados a posicionarem-se ante a ideia de identidade cultural. Por outro lado, não quero questionar o fato de que as atitudes foram ou não naturais ou mescladas de artificialidade, pois é importante considerar que, apesar de os participantes terem disponibilidade para participar das seções de forma voluntária, tratou-se de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912508/CA

um encontro previamente pensado e organizado para que os docentes permanecessem “focados” no tema, por um determinado período de tempo e que este momento de foco favorecesse à emergência de falas, discursos, opiniões, ideias e, penso eu, que este objetivo foi plenamente alcançado. No entanto, esta etapa foi apenas uma parte da investigação pois, vencido o desafio de fazer com que os docentes pensassem e verbalizassem suas ideias sobre o tema em foco, fez-se necessário o enfrentamento da segunda etapa qual seja, a leitura dos dados, objetivando chegar aos conceitos atribuídos pelos docentes quanto à ideia de identidade cultural.

3.2.3 Leitura dos dados

O processo de leitura dos dados realizou-se após a organização dos produtos gerados durante as seções de grupo focal, a saber, as listas e categorizações de palavras, a catalogação das imagens e a transcrição das falas dos participantes. É oportuno observar que o incentivo para que os docentes elaborassem uma lista de palavras a partir da ideia de identidade cultural, tomou a aleatoriedade como princípio norteador cuja meta era desencadear o estabelecimento das associações.

Assim, tanto o material como as atividades prévias foram pensados como meio e como recursos de estímulo, ou seja, como um artifício lúdico que tinha por objetivo chamar a atenção dos participantes para a discussão que se seguiria. A utilização tanto das palavras como a produção de imagens, objetivaram fazer com que os docentes estabelecessem associações e conexões com a questão central que fora posta aos participantes, desde a realização da primeira atividade.

Este conjunto de procedimentos deveria desencadear processos que facilitassem a emergência de situações reflexivas que haveriam de ser expressas através do diálogo. Desta forma, a intenção era gerar um ambiente propício e que permitisse, a partir daquele momento, fazer emergir através da disucussão, os conceitos que os docentes que atuam em cursos de design atribuem à noção de identidade cultural.

Desta forma, após a catalogação do material resultante das listas e categorização de palavras, bem como das imagens criadas pelos docentes, outro cenário se descortinou aos meus olhos. A riqueza de informações, as conexões, as

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912508/CA

várias pistas de interpretação e de articulação possíveis, fizeram com que tais materiais, vistos apenas como estimuladores, ganhassem relevância como indicadores de caminhos e sentidos. Esta constatação levou-me a considerar que, para efetuar uma leitura das listas de palavras e das imagens, necessitaria municiar-me de um referencial teórico/conceitual complementar para criar novas estratégias de leitura dos dados, objetivando dar conta das informações fornecidas por aquele material o que, face às limitações deste trabalho, não foi possível realizar neste momento, constituindo-se em oportunidades para trabalhos futuros enquanto subproduto desta tese.

A partir de uma reflexão inicial, posso dizer que, o processo de leitura dos dados foi realizado em três momentos que passei a denominar de: aproximação, compreensão e apreensão. É apropriado destacar que estes momentos não ocorreram de forma compartimentada e rígida ou mesmo obedecendo a uma linearidade. Por vezes, eles se interpenetraram e, mesmo sem perceber, nas primeiras fases da leitura do material, já estava preocupado em compreender o seu conteúdo. Sendo assim, a indicação desses momentos ocorre apenas e tão somente, por uma questão metodológica e no sentido de fazer com que o leitor compreenda aspectos gerais da dinâmica de leitura dos dados por mim empreendida.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912508/CA

3.2.3.1 Aproximação

Denomino de aproximação o primeiro momento de leitura dos dados. Isto porque o ato de trazer o objeto para mais perto, numa tentativa de acercar-me dele, reflete em muito, a postura adotada quando dos primeiros contatos com o material gerado nos grupos focais. Na fase de aproximação, procurei observar as ideias mais recorrentes, os temas fortes colocados em discussão e as primeiras noções sobre o conceito de identidade cultural, revelado através das falas dos docentes. É certo que esta releitura foi realizada de forma globalizada, ou seja, considerando a fala de todos os participantes, sem levar em conta ainda o critério utilizado de seleção/recorte. Nesta primeira leitura, o meu foco de interesse estava voltado para as opiniões mais gerais e os principais conceitos que foram desencadeados a partir da produção das imagens. Num segundo momento,

procurei focar na apresentação das ideias expressas, tanto nas falas individuais como naquelas intercaladas e complementadas pelos demais participantes, fruto das discussões em grupo.

Quero ressaltar que esta aproximação ocorreu cercada por medos, inquietações, preocupações, e por certa insegurança, diante da quantidade e complexidade das informações. Penso que outro aspecto que guiou esta fase foi a pergunta sobre qual método seria o mais adequado para a leitura dos dados e a constatação de que um método de leitura particular estava em processo de construção, à medida que desenvolvia, enquanto pesquisador, uma intimidade com os dados.

O desafio que estava colocado residia em encontrar o significado daquelas falas, o que elas tinham a dizer bem como as oportunidades trazidas pelos discursos dos docentes, tanto em aspectos rotineiros e de senso comum, como no que concerne a articulações inusitadas, complexas e que eu não imaginava que pudessem permear o imaginário e a concretude de concepções em torno da identidade cultural.

Desse modo, a ação de aproximação foi conduzida pela pergunta sobre que ideias a respeito da identidade cultural poderiam ser extraídas das falas/vozes/diálogos dos docentes participantes das seções de grupo focal. No afã de acercar-me das ideias contidas nas falas dos docentes, utilizei algumas estratégias, tais como a leitura integral e initerrupta das falas; a leitura compartimentada, privilegiando grupos específicos de informantes, e retornando, num terceiro momento, a uma nova leitura integral das falas.

Por outro lado, é significativo ter em conta que esta etapa da leitura dos dados foi realizada em um longo espaço de tempo. Desde o início das transcrições até considerar que deveria avançar para a segunda etapa, transcorreu um período de 18 (dezoito) meses. Um dos produtos oriundos da etapa de aproximação consistiu numa tabela contendo os principais conceitos extraídos das falas dos docentes. O principal critério utilizado na composição desta tabela consistiu na identificação das ideias e na tentativa de agrupamento das mesmas em blocos discursivos semelhantes ou com algum grau de proximidade, conforme pode ser observado na Figura 7.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912508/CA

Figura 7 – Primeira fase de tratamento dos dados
Fonte: Elaborado pelo autor

Os esboços, rabiscos e anotações evidenciam a provisoriedade daquela primeira leitura. Indicam também as primeiras tentativas de aproximação entre as ideias, a partir das interfaces conceituais por mim percebidas. Como assinalei, as aproximações foram realizadas em momentos diversos, desde a aplicação do grupo focal, até a organização das falas através das transcrições e as várias leituras que se seguiram. Estes procedimentos oportunizaram a realização dessas leituras em circunstâncias e locais muito diferentes, possibilitando a emergência de articulações distintas entre si.

No entanto, essas articulações, mais contraditórias que consensuais, contribuíram para o aprimoramento do exame sobre o que era relevante e o que poderia, no espaço tempo da aproximação, ser qualificado como secundário, à luz do referencial teórico que vinha manuseando ao longo da pesquisa. Que elementos, imagens e ideias apresentavam-se como possibilidade de discussão, naquele momento e quais teriam que aguardar outro processo, outra etapa, outras aproximações e quiçá, afastamentos que oportunizassem o amadurecimento e aprofundamento dos conceitos? Sendo esta uma questão que permaneceu, toda a fase de aproximação no âmbito da leitura dos dados.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912508/CA

Hoje e através de uma reflexão mais detida sobre os procedimentos de leitura dos dados, conscientizei-me de que mesmo no momento da aproximação já estava efetuando apreciações e análises o que, de certa forma contribuía para uma maior segurança diante dos dados, favorecendo o refinamento que permitia identificar, o que se apresentava como essencial, importante e relevante para o alcance dos objetivos do estudo.

Assim, à medida que a leitura do material ganhava uma perspectiva mais crítica, através da identificação e estabelecimento de conexões entre o conjunto das ideias contidas nas falas e o referencial teórico que vinha estudando, constatei que o processo de leitura dos dados estava ganhando outra conformação para além da admiração, do medo e do espanto, que caracterizaram a fase inicial de aproximação**.** Esta percepção levou-me a considerar que uma nova etapa começava a se organizar no processo de leitura dos dados, tratava-se de uma fase que não hesitei chamar de compreensão.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912508/CA

3.2.3.2 Compreensão

O momento da compreensão foi se desenvolvendo, tomando como base o inquirir e o escutar. Aqui, o inquirir, a indagação e a pergunta continuavam sendo o caminho para chegar ao conteúdo. As perguntas, nesta fase de contato com os dados, foram sendo formuladas tomando como base, tanto o *corpus teórico,* que estava sendo construído para dar suporte à investigação, como a escuta sensível das vozes dos docentes. A escuta sensível a que me refiro, considera que o ato de compreender ocorre também por meio das impressões captadas, tanto pelo intelecto como pelos sentidos.

Por conseguinte, ações tais como as reiteradas leituras, repetidas visualizações das seções dos grupos focais, bem como a observação das imagens produzidas, desempenharam a tarefa de instigar os sentidos com vistas a apresentar respostas possíveis, tanto às interrogações previamente formuladas, como àquelas que foram surgindo ao longo do processo de leitura dos dados. Uma vez que, o momento da aproximação já havia fornecido uma multiplicidade de ideias sobre identidade cultural, oriundas das vozes dos docentes, num segundo momento, cheguei à pergunta sobre como as ideias dialogavam e relacionavam-se

entre si, visto que elas emergiram, ou foram expressas em meio a um processo de interação grupal, o que motivava a leitura sensível e inteligível, sob um duplo ponto de vista que é tanto dialogal como relacional.

Assim, o duplo movimento de inquirição e escuta oportunizou o aparecimento de diferentes arranjos discursivos. De tais arranjos selecionei aqueles que ilustram como as polarizações discursivas foram se organizando ao longo do percurso e dando origem à compreensão dos dados, tal como pode ser observado na Figura 8.

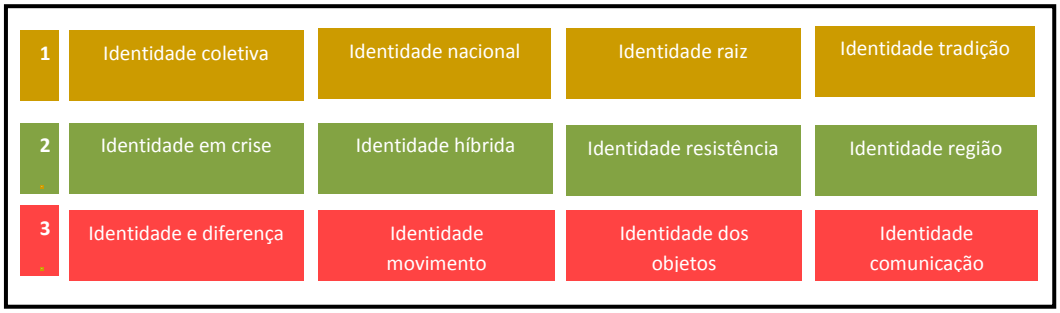

Figura 8 – Arranjos discursivos
Fonte: Elaborado pelo autor

É importante observar que os arranjos foram sendo produzidos, à medida que o esforço por compreender os dados se processava. No entanto, quero ressaltar que a incompletude dos arranjos me levou a buscar outras formas de organização dos dados e neste processo cheguei aos três núcleos conceituais polarizadores que procuram cocentrar os princípais conceitos surgidos no grupo focal. O caminho utilizado para chegar a este formato se deu através da identificação das relações de maior proximidade entre eles. Desse modo, as polarizações foram sendo organizadas a partir do contexto das falas e tal ação permitiu realçar, na maioria das vezes, os encadeamentos que lhes deram sentido. Esta postura que norteou o processo de compreensão teve como objetivo preservar e realçar, tanto o caráter dialogal como o aspecto relacional que permeou as discussões durante a realização dos grupos focais.

A figura 9 abaixo ilustra, de forma sintética, as polarizações conceituais que emergiram do processo de compreensão dos dados que assinalei no Capítulo 2 desta tese.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912508/CA

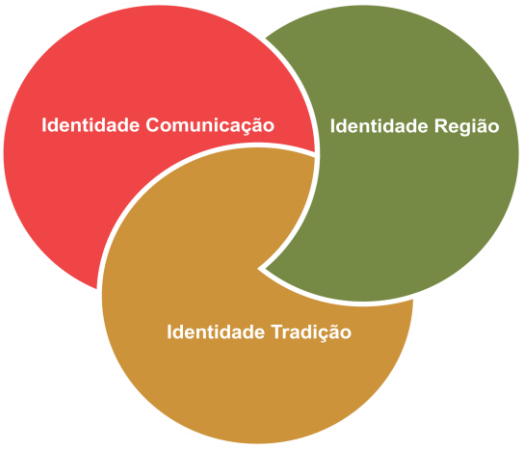

Figura 09 – Síntese das polarizações conceituais
Fonte: Elaborado pelo autor

A observação dessas figuras permite considerar pelo menos três questões: (1) a primeira refere-se ao exercício de *bricolagem* que me permitiu chegar à compreensão dos dados gerados durante os grupos focais; (2) a segunda diz respeito à relação de proximidade e afastamento na relação entre tema e categoria central, proximidade essa observada por meio da recorrência desses temas durante a observação e análise das sessões de grupo focal, sendo que os temas foram agrupados tomando em consideração a maior e menor proximidade em relação à categoria central; (3) a terceira questão diz respeito à intensidade com que os temas aparecem durante os diálogos, a ênfase dada a cada tema é representada nos gráficos através do tamanho dos círculos, ou seja, os temas mais enfatizados estão representados por um círculo maior e o mesmo acontece com os círculos de menor tamanho.

Assim e como desdobramento dos pólos conceituais, apresento através da figura 10 abaixo, a relação de proximidade entre as polarizações conceituais resultante do momento de compreensão dos dados. Antes é necessário destacar que (1) trata-se de um exercício de *bricolage* e que reflete uma determinada compreensão sobre as interligações entre as categorias, (2) tal exercício é produto de um determinado referencial teórico que norteou um processo de compreensão e agrupamento de ideias, (3) trata-se de um arranjo discursivo que reflete uma concepção ideológica específica, pois, de outra maneira, a compreensão dos dados originária uma conformação diferenciada que, (4) longe de ser a última leitura

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912508/CA

sobre a questão, trata-se de uma dentre as leituras possíveis e por este motivo está situada, datada, contextualizada e por conseguinte, é provisória.

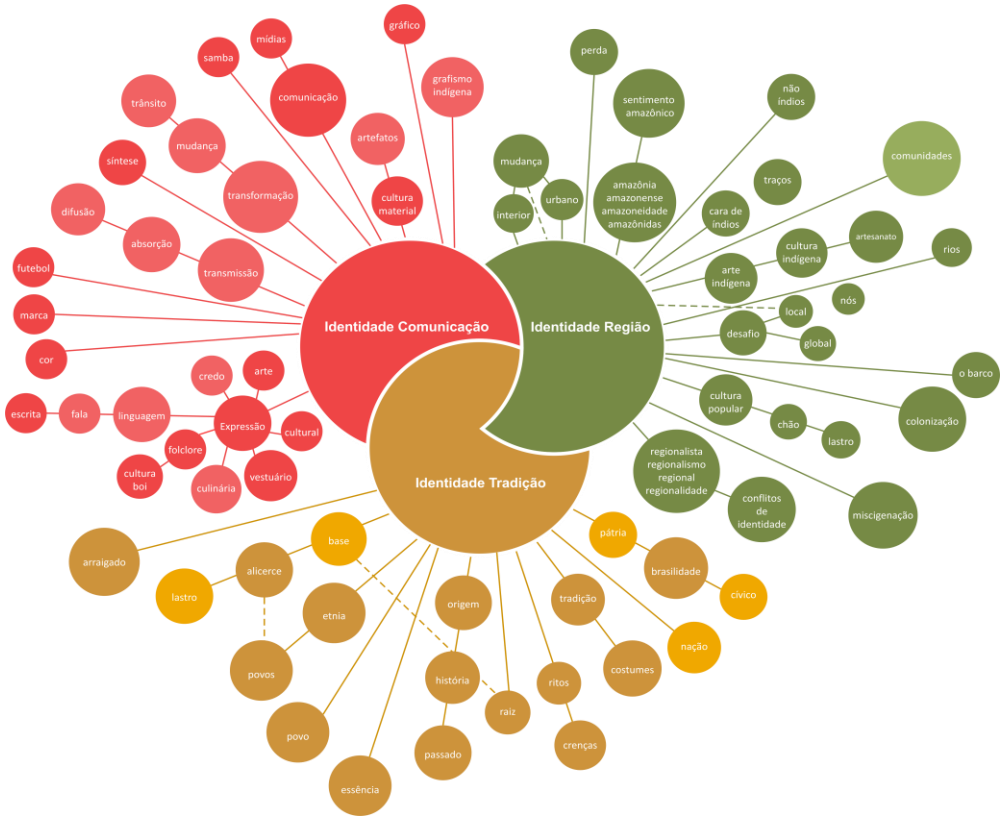

Figura 10 – Polarizações conceituais
Fonte: Elaborado pelo autor

Dessa forma, a conformação em três grandes núcleos conceituais polarizadores, tal como pode ser visto na figura acima, é fruto da tentativa de compreensão sobre as recorrências, proximidades e interrelações entre os conceitos mais gerais. Parte do geral para o específicio e de igual forma procede uma manifestação inversa, do específico para os contextos mais gerais, de modo que, a leitura dos desdobramentos oportunizados por este movimento dialogal, constitui-se no principal resultado gerado no momento de compreensão. Assim, organizados e compreendidos em três grandes núcleos conceituais, a saber, região, tradição e comunicação; senti que era chegado o momento em que deveria dar mais um passo, objetivando mergulhar ainda mais nos conceitos, com vistas a verificar quais as possibilidades discursivas que poderiam advir deste esforço, originando o terceiro momento da leitura dos dados, a apropriação.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912508/CA

3.2.3.3 Apropriação

O conceito de apropriação é entendido aqui como um momento de tomada de posse, de delimitação por meio de uma construção discursiva que tem como objetivo "tornar própria alguma coisa"[52], numa perspectiva de transformação daquilo que está sob a condição de ser apropriado. Esta ideia de transformação que perpassa o conceito de apropriação ao mesmo tempo em que se refere ao ato de moldagem daquilo que se recebe, pressupõe também uma conversão com vistas a produzir novos significados, no qual a apropriação é percebida como processo de invenção e recriação.

Esta etapa da pesquisa objetivou buscar as interconexões possíveis, a partir dos resultados obtidos nos momentos de aproximação e compreensão. Esta busca pelas interconexões centrou-se no aprofundamento das polarizações conceituais identificadas no momento da compreensão, sendo que o foco residiu, tanto na exploração do potencial criativo dos conceitos e categorias, como no aproveitamento das possibilidades indicadas pela leitura dos dados.

O momento da apropriação, no conjunto desta investigação, foi conduzido a partir de uma perspectiva aberta que equacionou, tanto as condições objetivas como aquelas de ordem subjetiva da leitura dos dados. No quadro das condições objetivas, foram considerados os limites impostos à apropriação. Nas condições subjetivas estão as brechas oportunizadas pela dinamicidade criativa inerente ao ato de apropriação. Dadas às condições histórico-sócio-culturais sob as quais ocorrem a apropriação, ou seja, as condições subjetivas e os seus limites, a apropriação tende a gerar sentidos que, vistos sob a ótica da dinâmica criativa, são em si mesmos processuais e não podem aspirar à condição de interpretação única e/ou de verdade absoluta.

Assim, o momento da apreensão é em si mesmo um ato de interpretação que visa fazer emergir o sentido. Tomando as indicações que faz Abbagnano[53] para o termo sentido, é possível dizer que a busca pelo sentido, nesta investigação, possui pelo menos dois vieses, o sentido de quem fala e o sentido atribuído por

[52] Perrotti e Pieruccini apud Serfaty-Garzon, 2003 p. 27
[53] Abbagnano, 2000 p. 873-874

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912508/CA

quem ouve. Para pensar o sentido sob a ótica de quem fala, é necessário considerar a dimensão de contexto em que o fenômeno é gerado. No caso desta pesquisa os focos de observação estiveram centrados nos contextos socioculturais, evocados tanto pelos recursos motivacionais utilizados no processo de pesquisa, como pelas associações desencadeadas através das interações ocorridas durante a realização das seções de grupo focal.

Logo, pensar a relação contexto e sentido evoca a ideia de que o sentido tem uma origem, uma história, ou uma gênesis centrada naquele que fala e que utiliza os mais diversos aparatos comunicacionais para trazer à luz o que pensa e como pensa. Examinar os sentidos pela ótica de quem fala, requer considerar os elementos que compõem um circuito discursivo, expresso por meio de aparatos verbais e não verbais, de modo que os silêncios, os gestos, os sinais, as marcas, os ícones e todas as formas de expressão favorecem a percepção do sentido[54]. Sentido este que, social e culturalmente situados, possui uma intenção, uma finalidade passível de apreensão por meio das relações contextuais em que ocorrem.

O sentido pode ser apreendido também sob a perspectiva de quem ouve/lê. Aqui, o sentido é desvelado pelos olhos de quem explica/observa o fenômeno com atenção e intenção. Nesta perspectiva, vale a pena considerar o conjunto de experiências, conhecimentos, posturas e atitudes de quem ouve/lê, de quem interpreta o fenômeno na busca pelo sentido, postura esta que se assemelha ao trabalho de tradução proposto por Santos[55], a quem parafraseio quando destaco que, na busca pelo sentido, deve-se ter em mente quem, porque, sob que condições e com que objetivos surgem as interrogações sobre o sentido. Estas questões poderão ser observadas nas páginas que se seguem, onde o leitor poderá conferir os resultados do esforço reflexivo que teve como meta a elucidação dos conceitos de identidade cultural surgidos nos grupos focais realizados com docentes em design no Amazonas e como esses conceitos permitem propor recomendações que podem subsidiar uma maior consistência ao ensino do design no Amazonas.

[54] Guillén, 2002, p. 471.
[55] Santos, 2008 p. 129-135

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0912508/CA